



Conheci, ouvi e vi:

narrativas de uma testemunha ocular da Guerra Civil em Angola (1983-1986)

*I knew, I heard and I saw with these eyes that the earth is going to eat:
narratives of an eyewitness account of the Civil War in Angola (1983-1986)*

*José Bento Rosa da Silva**

Resumo: o artigo dialoga com a narrativa de um ex-militar angolano do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), hoje radicado no Brasil, que, de 1983 a 1986, lutou na Guerra Civil em seu país. Privilegiando a narrativa oral e cotejando com a bibliografia sobre o tema, investigamos o cotidiano de um combatente, que representa de certa forma, outros cotidianos de guerra civil no continente africano, no contexto do século XX, mais precisamente no período historicamente denominado de Guerra Fria.

Palavras-chave: Guerra civil; Cotidiano; Angola.

Abstract: the article discusses the narrative of an ex-military of the Popular Movement for the Liberation of Angola (PMLA), now residing in Brazil, who, from 1983 to 1986, fought in the Civil War in his country. Privileging the oral narrative and comparing with the bibliography on the subject, we investigate the daily life of a combatant, who represents, to a certain extent, other daily civil war on the African continent, in the context of the twentieth century, more precisely in the period historically called Cold War.

Keywords: Civil war; Daily life; Angola.

A memória a partir da infância: à guisa de introdução

O título deste artigo foi inspirado em fragmentos de nossas memórias da infância, mais exatamente a partir de lembranças de uma senhora idosa, que alguns diziam ter mais de cem anos de idade, uma africana, ex-escravizada, oriunda da região Cabinda, Angola. Era conhecida como Rita

* Professor associado da Universidade Federal de Pernambuco.

Cabinda, ou melhor “Sá Rita Cabinda”¹. Gostava de contar história “dos antigamente” – como ela dizia. Entre um trago no cachimbo, uma longa tosse, uma pausa e outra, a expressão: “eu vi, com esses olhos que a terra há de comer!” Entre outras, contava que havia conhecido, em sua infância, negros velhos que haviam lutado na Guerra do Paraguai. No final da narrativa, a frase: “Conheci, ouvi e vi, com esses olhos que a terra há de comer!”

Essa lembrança veio-nos quando ouvimos de um angolano, Fernando Wilson Sabonete, que foi testemunha da Guerra de Independência de Angola, e posteriormente, foi combatente do Movimento Popular de Independência de Angola, no processo posterior à independência, na guerra civil, a seguinte expressão:

Eu ouvi da minha irmã, dos meus cunhados, dos meus primos também. Mas eu também vi [...] Eu vi tudo isso que ninguém me contou. Porque eu nasci em 1961. Eu ouvi tudo isso que ninguém me contou. Eu vi e ouvi no rádio. Eu vi o sul-africano a passar para o Norte. Porque eles não bombardearam muito o sul. Eles bombardearam e atacaram algumas cidades, mas o objetivo era bombardear Luanda, onde estava o M.P.L.A. Eu vi e ouvi também dizer, porque nós fomos perseguidos.²

Tanto as lembranças de Fernando quanto as nossas remetem aos períodos da infância e adolescência, carregados de especificidades e agora, conforme nos lembra Maurice Halbwachs³, ressignificadas na fase adulta de nossas vidas. Ambas têm em comum um passado de impasses e incertezas: de um lado as lembranças do período da escravização, que “Sá Rita” dizia ter “visto com os olhos que a terra havia de comer”; por outro a experiência dos impasses da Guerra de Independência de Angola vividos por Fernando e sua posterior participação como militar na Guerra Civil no mesmo país.

As lembranças são “pontas de *icebergs*”. As narrativas de Fernando nos trouxeram as de “Sá Rita”. Lembranças de tempos diversos, mas que têm em comum um país da África e tempos “obtusos”, tempos de incertezas, de usurpação de direitos, de perdas, de guerras.

1 “Sá”: uma síncope da palavra senhora. Forma como alguns escravizados referiam-se às suas senhoras no período da escravidão e que permaneceu como pronome de tratamento no pós-abolição falado por alguns ex-escravizados.

² SABONETE, Fernando Wilson. *Depoimento oral coletado em contexto de entrevista ao autor*. Recife, 2018.

³ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

Nosso objetivo neste artigo foi construir a experiência de um sujeito nascido em Angola, no calor do movimento de independência, e que vive no Brasil, na cidade do Recife. Antropólogo e filiado ao Partido Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA)⁴, como anuncia a bandeira hasteada na janela do seu apartamento, situado na Rua do Hospício, local da entrevista, que teve como finalidade ouvir sua trajetória de vida, com ênfase no período vivido em Angola e sua participação na Guerra Civil, no período compreendido de 1983 a 1986.

A entrevista foi construída a partir dos pressupostos sugeridos por Paul Thompson⁵, quais sejam: semiestruturada com questões abertas⁶. Neste artigo, privilegiamos apresentar alguns aspectos e temas da entrevista que possibilitassem conhecer a trajetória de vida do entrevistado, enfatizando o processo de Guerra de Libertação Nacional, quando ele vivia sua infância e adolescência, e o período da juventude, quando de sua inserção no Exército angolano no período da Guerra Civil⁷.

De Tshombe e Djembo a Sabonete: narrativa acerca da “construção e reconstrução” do nome

Fernando Wilson Sabonete, da etnia Nhaneka-Humbe, nasceu na Comuna (aldeia) de Guenze, a sete quilômetros do município de Matala, na região sul de Angola (Figura 1). Ficou órfão de mãe aos dois anos de idade e só foi conhecer o pai na juventude, em virtude de um drama acontecido na família, do qual ele só veio a saber entre a infância e adolescência. Tanto o pai quanto a mãe, eram casados em segundas núpcias em virtude da viuvez de ambos. Fernando, nascido nesta segunda núpcia, teve “meios-irmãos” tanto do lado do pai, quanto do lado da mãe, somando, ao todo, sete irmãos. Seu pai, como alguns outros angolanos e moçambicanos, trabalhou nas minas de Joanesburgo, por duas temporadas, totalizando doze anos. Isso, segundo ele, antes de seu nascimento⁸.

⁴. O Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) é o partido político angolano que governa o país desde a independência de Portugal em 1975.

⁵ THOMPSON, Paul. *A Voz Do Passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

⁶ Algumas perguntas abordadas, entre outras: Conte-nos sobre sua família; O que pode nos contar sobre a Guerra de Independência?; Fale-nos sobre seu ingresso no exército, as motivações, o cotidiano...; Qual a participação das mulheres no Exército de Angola na Guerra de Independência e na Guerra Civil?; Fale sobre as consequências da Guerra Civil em Angola.

⁷ A Guerra Civil de Angola foi de 1975 a 2002; no entanto, o entrevistado esteve engajado no exército no período de 1983 a 1986.

⁸ Sobre a imigração de moçambicanos para as minas da África do Sul, ver: FIRST, Ruth (Org.). *O Mineiro Moçambicano: um estudo sobre a exportação de mão de obra em Inhambane*. Recife: Ed. UFPE, 2015. (Série Brasil & África; Coleção Clássicos, n. 2).

A minha mãe faleceu depois de dois anos. Nasci. Quando completei dois anos e pouco, a minha mãe faleceu de assassinato. Foi assassinato pelo próprio meu pai. Tava bêbado e houve lá um conflito e matou a esposa dele. A gente ficou separado nesse período, ficou separado. Fomos todos para a família da minha mãe. Como a tradição lá, todos têm que voltar para a família da mãe. E ele na cadeia. Ficou na cadeia durante, durante vinte e cinco anos. Quando ele volta, eu já tava com meus quinze anos, mas sempre na minha irmã que eu considerava como minha mãe. A minha mãe ficou agora minha irmã mais velha, que já era casada na verdade. E esse processo de separação da família, de destruição, ou seja, família desestruturada por causa desse assassinato. A minha irmã nunca contou a história como foi a morte da minha mãe porque pensaram que não iria conceber bem a informação, então ficaram sempre assim. Mas eu sempre perguntei. Quem é meu pai? A vez [sic] que ela dizia, quando as pessoas perguntavam: “Esse é teu irmão que ficou naquele dia no óbito de tua mãe?” A vez [sic] que dizia sim. A vez [sic] que dizia não. E aí ficava confuso. Mas outro dia falei com ela. “Mas quem é afinal de contas o meu pai? E minha mãe?” Aí ela contou uma pequena informação, deu uma pequena informação sobre a família. Quando eu... quando eu completei dezessete anos já tava recolhendo as informações de que o meu pai é que tinha matado minha mãe.⁹

Figura 1: Mapa de Angola, com destaque, ao sul, para o município de Matala



Fonte: Google Maps¹⁰.

⁹ SABONETE, Fernando Wilson. *Depoimento oral coletado em contexto de entrevista ao autor*. Recife, 2018.

¹⁰ GOOGLE MAPS. *Mapa do município de Matala, Angola*. 2018. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Matala,+Angola/>. Acesso em: 14 jul. 2018.

A principal atividade econômica da região era a criação de gado antes da Guerra de Independência e a da Guerra Civil¹¹. Tanto uma quanto a outra, mas sobremaneira a Guerra Civil, arrasaram a economia local, conforme lembrou-nos o entrevistado:

[...] Antigamente, eles tinham sua atividade de criação de animais. [Eles] se dedicam mais na agropecuária e cultivos de alimentos, agricultura em geral. São poucos que saem das casas para irem procurar emprego, como por exemplo, meu pai foi como os outros. Na verdade, a saída daí é para irem buscar riqueza para comprar boi. Meu pai tinha mais de trezentas cabeças de gados. Todos aí têm boi. Eu tenho [risos]. Quem não tem, na verdade, quem não tem boi na minha etnia... hoje, depois da Guerra Civil, podemos encontrar, mas antigamente não foi assim. A Guerra Civil destruiu a agricultura do sul, porque a Unita [União Nacional para Independência Total de Angola] levava os bois para se alimentar e para fazer permuta na África de Sul com arma e munições e outras coisas. Eles levavam manadas de bois dos camponeses. Foi isso que prejudicou a economia da minha etnia. [...] Hoje em dia se eu os levo lá, é um mato. Não tem nada por causa da guerra. Ficou mato, aquilo cresceu árvores sem parede nenhuma.¹²

No registro do entrevistado, consta que teria nascido em 1965, mas ele nos revelou que, segundo seu pai, seu nascimento deu-se, na verdade, em 1961. E outro detalhe: seu nome e sobrenome têm uma história que revela a identidade étnica e ação do colonizador. Na verdade, podemos dizer que ele tem identidades, pois, atrás do nome do colonizador, reside uma história familiar. Vejamos:

A minha etnia não tem muito isso de sobrenome. Sobrenome é dos portugueses. Nós temos os nomes da minha etnia, eu não sei nas outras etnias, nunca estudei os nomes [...] Aí nós ficamos com sobrenomes não do pai, por exemplo. O meu pai ele deu o nome ao seu avô Capenda, Gula Capenda, o seu avô, por isso que temos esse sobrenome. Agora também deu o outro nome do pai, que é Gula. O meu irmão mais velho é Gula. Os nomes vão permanecendo na família, mas de acordo com os netos [que] vão carregando esse nome dos pais. Por exemplo, eu se tivesse filho, poderia dar o nome do meu pai, como por exemplo as minhas filhas levam o nome da minha mãe. Não é por sobrenome. É mesmo gosto que a gente tem que o nome não pode morrer.¹³

Diante da explicação acerca do significado do nome na sua etnia, e do registro que o identifica como Fernando Wilson Sabonete, perguntamos como se deu esse processo. Entre risos e

¹¹ No período colonial, no século XIX, houve uma grande revolta na região em função de uma peste que atingiu a criação de gado. Os residentes atribuíram o flagelo à presença do colonizador luso (AUTOR, 2011).

¹² SABONETE, Fernando Wilson. *Depoimento oral coletado em contexto de entrevista ao autor*. Recife, 2018.

¹³ SABONETE, Fernando Wilson. *Depoimento oral coletado em contexto de entrevista ao autor*. Recife, 2018.

com uma “paciência de Jó”, diante de nossas fisionomias “espantadas”, ele explicou-nos, a partir do que ouvira do seu pai e do seu próprio conhecimento acerca da ação dos colonizadores no que tange ao registro dos nascidos no período colonial:

Sabonete é um nome dado ao pai. Segundo ele, tem uma história muito engraçada. Na administração colonial no tempo, na África, não podia vir com Capenda, Gula, Peio. Você tinha que vir com nome que o português soubesse pronunciar e soubesse também o significado. Mas não era esse o caso com os africanos. Os africanos tinham os nomes com sentido próprio de africano, com sentido próprio da família e também como se pronuncia. Como não fazia sentido para o português, os portugueses obrigavam escolher o nome que o português conhecesse ou então soubesse o sentido. Foi assim que aconteceu com o nome do meu pai. O meu pai disse que o avô estava carregando um carregamento e descarga de produto. “Aí você amanhã tem que trazer o nome. Mas eu já tenho o meu. Não, mas você tem que trazer um nome que eu conheço. Ele dizia assim, o português. Ah tá bom. Aí ele levou o sabonete, a caixa de sabonete cheirou. “Mas o que é isso? É sabonete? Então pronto, acabou. Pegou um pedaço e se lavou com ele, cheirou bem. Tem sabonete que cheira bem. Tomou um banho com sabonete. Quando chegou na comunidade, [perguntaram] “Que isso? Você tá cheirando bem, então vai ser o nome” [...] Sabonete de objeto virou nome. Chegou no Branco [eu sou] e eu sou Sabonete. Tem gente, tem chapéu, tem canivete, tem Bacia [...] Eu tenho um amigo chamado Ezequiel Canivete, da família Canivete. Tem Bacia. Tem nome da família Bacia.¹⁴

Na verdade, a “adoção” do nome e sobrenome do colonizador pelo colonizado não foi de forma “espontânea”, pois esteve no processo de “embranquecimento” e de europeização. Atendia ao processo do Estatuto do Indigenato, que tinha como propósito o processo de “assimilacionismo”. Os assimilados, ao menos teoricamente, tinham mais possibilidades de ascensão social. A ação colonizadora visava “disciplinar” os comportamentos e as mentes.¹⁵

Na sequência da narrativa, Fernando Wilson Sabonete nos revelou o processo da construção do seu nome étnico, a partir do que ouvira dos familiares, e a oportunidade que teve de fazer um novo registro, em decorrência de um sinistro que ocorreu em sua casa. Todos os documentos foram queimados. Ele, já adulto, teve que fazer outro registro. Segundo nos explicou, manteve-se Fernando Wilson Sabonete: “para me identificar com sua família [e] não me perder totalmente”. Vejamos o que ele disse:

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ CHANSON, Philippe. *La blessure du nom. Une anthropologie d’une séquelle de l’esclavage aux Antilles – Guyane*. Louvaine: Bruylant-Cadenua, 2008.

É! Eu não sou Fernando Wilson Sabonete. Eu chamei no início mesmo de Tshombe. Eu sou xará do irmão do meu pai, que é Tshombe. Só que o Tshombe em outras línguas tem um outro sentido. E tem mais outro. Eu tenho dois nomes. A minha mãe como perdia muito os filhos, me chamam de Djembo [incerto]. Djembo significa morte. Como ela estava perdendo muitos filhos, morte, morte, morte. Então ela disse esse também vai morrer, então é morte. Só que meu pai nunca gostou desse nome. Disse “não! Se ele já tem nome mesmo, então fica Tshombe”. Então na parte minha família do pai meu, me conhece pelo Tshombe. Na parte da minha mãe depois ainda com a situação da separação por causa do assassinato, eu fui crescer tudo, tudo na casa da família da minha mãe. Então Djembo cresceu assim: todo lugar onde você vai que conhece a família da minha mãe, só me conhece pelo Djembo. Eu fui desfazer esse nome pelo registro. Quando eu fiz o registro, eu tive a oportunidade de fazer meu registro novo. Eu disse Djembo não. Aí a família que tiveram coragem de perguntar por quê. Eu disse: “Não! Djembo significa morrer. Eu não quero morrer, nem tampouco aceito morrer facilmente. Porque tipo isso é invocação à morte. Então eu não quero esse nome.”¹⁶

O irmão de Fernando, que também perdeu os documentos no incêndio, registrou-se Francisco Sabonete. Ele, ao que parece, por algum motivo, seguiu o irmão:

Os outros familiares também tiveram que fazer [refazer os documentos]. O meu irmão, por exemplo, ele não registrou Gula. O nome dele é Gula, mas ele também não registrou [...] Isso, ele não registrou. Ele registrou Francisco Sabonete. Eu acompanhei, na verdade, meu irmão. Aproveitamos.¹⁷

Francisco Sabonete, que poderia ter se mantido Gula, parece ter tido influência em algumas decisões na vida de Fernando. Não só na escolha de manter o nome e sobrenome do colonizador, como também na de entrar para o Exército angolano, como veremos a seguir.

Contra a rusga e em defesa da honra: narrativas no MPLA

Fernando Wilson, graduado em letras e teologia, com mestrado em antropologia, lembrou-nos do contexto de Guerra Fria, no momento das independências, no pós-Segunda Guerra Mundial; sobretudo as independências tardias das “denominadas possessões portuguesas em África, ou

¹⁶ SABONETE, Fernando Wilson. *Depoimento oral coletado em contexto de entrevista ao autor*. Recife, 2018.

¹⁷ *Ibidem*.

Províncias de Ultramar”. No caso de Angola, após a Independência, os longos anos de Guerra Civil. Foi nesse cenário que ele entrou no Exército angolano; antes que fosse “rusgado”.

[...] O processo da Guerra Civil, aí eu entro no processo da Guerra Civil. O processo de Guerra Civil se deu no momento em que os três movimentos desentenderam, não conseguiram entrar em um acordo. Quem poderia ficar com a administração? Quem poderia fazer o que? Não conseguiram. Primeiro, são as três ideologias diferentes. Ideologias de partidos. Ideologia partidária. O [Jonas] Savimbi, que e da Unita, do movimento da Unita, ele queria que fosse a democracia [dos] Estados Unidos, como mentores [os] Estados Unidos, França e Portugal [...] A FNLA. Holden Roberto. Aí eles foram, não chega [sic] no dia da Independência. Antes mesmo do dia da negociação, o MPLA já organiza expedição militar, ou seja, expedição militar organizada pelos russos e cubanos. Em outubro de 1974, a tropa cubana já estava na costa africana, pronta a desembarcar em Moana [...] Antes, muito antes da Independência. A justificativa, a justificativa é quem poderia ameaçar a Independência? Os americanos, os franceses através de Mobutu [Sese Seko]. Mas aí entra a questão também da África de Sul. A África de Sul, com a Independência de Moçambique, em 1975, com a nossa Independência marcada para 11 de novembro de 1975 [e] a independência de Guiné-Bissau, A África do Sul fica naquela [sic] nervosismo de administração do território tanto da Namíbia quanto da África do Sul. Se Moçambique ficar próximo, faz fronteira com a África do Sul. Angola faz fronteira com a África de Sul, no sentido fronteira com o país que eles estavam a dominar, que é a Namíbia. Então aqui nós vamos perder o terreno. É melhor impedirmos a independência de Angola, que estão muito mais alinhados com os russos e cubanos. Senão nós vamos perder. Então eles invadem a fronteira do sul de Angola. Por isso que a nossa chama, a chama da guerra civil foi muito mais dura, foi muito mais forte de que de Moçambique e talvez de Guiné-Bissau, que não passou pela guerra civil, não houve guerra civil em Guiné-Bissau [...] A justificativa da tropa sul-africana entrar em Angola? Os combatentes da Swapo [Organização do Povo do Sudoeste Africano], que é o movimento de libertação do povo namibiano, quando viram que Angola tá em independência, [que] o colono português entregou a administração aos patrícios ou aos angolanos, eles ganharam terreno, ganharam raízes, força, então fugiram para Angola, para buscar reforço, para se organizar, para lutar contra os seus colonos na Namíbia para se libertar. Os sul-africano disse [sic] “Vamos pegar uma cacetada para matar dois coelhos”. A Swapo que os combatentes da Namíbia e impedir a independência de Angola, ao mesmo tempo. Eles entram em março de 1975, eles entram pela fronteira sul e avançam até na Barra da Kwanza, no Rio Kwanza, quase setenta quilômetros, não me lembro, não tenho em mente a distância real, mas próximo da capital, da cidade capital.¹⁸

¹⁸ SABONETE, Fernando Wilson. *Depoimento oral coletado em contexto de entrevista ao autor*. Recife, 2018.

Após essa contextualização histórica, Fernando contou-nos como efetivamente se deu o seu ingresso no Exército, as dificuldades, as motivações e depois o cotidiano em tempos de Guerra Civil:

A nossa participação, o meu recrutamento se deu quando vi que não tinha saída para eu fazer outras coisas sem passar pelo Exército. Por que era a situação do momento. Nenhum civil, eles diziam assim, nenhum “civil de ser humano” poderia estar em casa. Só tinha que estar “civil de cão”. É a expressão que eles deram. Nenhum civil que poderia estar em casa, só tinha que estar “civil de cão”. Cão, animal, é que não pode ir à guerra. O ser humano tinha que pegar em arma. Isso era a fala dos comandantes [...] O [meu] irmão foi, se apresentou. Quando se apresentou, se apresentou com o sobrinho da mesma idade, que [é] filho do meu irmão. Quando chegou lá, nos primeiros combates, ele foi assassinado, ou seja, foi abatido pelos sul-africanos. Meu irmão viu assim, então ele veio nos contar. Aquilo criou mais ainda raiva em mim, ou irritação, contra os sul-africanos. Então a minha ideia, com a fala dos comandantes que nenhum civil pode estar em casa, com a situação que os sul-africanos, constantemente bombardeando Angola. Então: “Epa! Eu vou me entregar”, porque também não podíamos estarem [sic] nem na escola. O processo de recrutamento não era como está escrito, depois de 18 anos você se apresenta. Eles tinham um processo de recrutamento muito ruim, de capturar jovens que tinha corpo, não é que tinha idade, que tinha corpo físico para segurar arma. Eu considero hoje como sequestro. Sequestravam os meninos e ficavam na escola, nos portões das escolas, quem saísse, verificava mais ou menos o corpo. “Esse dá para levar a arma”. Colocava já no caminho militar. Sem despedir, sem dar o recado para as mães, os pais ou para as famílias. Muita gente foi assim e morreu lá. Então eu não queria passar essa vergonha, para mim era vergonha. Não queria ser levado à força. Eu queria ir como meu irmão foi e se apresentou.¹⁹

Malgrado as “motivações” para o alistamento, Fernando encontrou dificuldades: não foi aceito naquela companhia, porque seu irmão já havia se alistado. A exigência era um por família. Diante disso, Sabonete deslocou-se para outra unidade, onde ninguém o conhecia, nem sua família, e aí logrou êxito. Segundo ele, além das motivações já acima elencadas, ele tinha receio de ser detido sem documentos e ser obrigado a servir. Era a rusga. Uma vergonha para alguns como ele. Foi preciso “driblar” as regras vigentes, criar tática e estratégias para alcançar os objetivos, que se diga de passagem, não eram pessoais²⁰. Foi dessa forma que ingressou no Exército de Angola, em plena Guerra Civil.

O comandante, o chefe do recrutamento, como me conhecia e conhecia meu irmão, normalmente, se encontrar um chefe bom e que te conhece bem, não vai,

¹⁹ SABONETE, Fernando Wilson. *Depoimento oral coletado em contexto de entrevista ao autor*. Recife, 2018.

²⁰ Sobre as táticas e estratégias criadas no cotidiano para alcançar os objetivos desejados, ver: CERTEAU, Michael. *Artes de fazer: A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994. v. 1.

porque você já tem um irmão na tropa. Eles podem até passar o documento. Mas nesse momento, nesse período, poderia ir. Aí eu cheguei lá e disse “vim me apresentar”. Ele disse que não, não podia, porque meu irmão já estava lá. Não, mas eu disse que não me deram documento, na rua podem me apanhar. Chama-se rusga. Pode-me “rusgar” sem documento. Eles disseram: “não, você tinha que voltar para casa”. Aí ligou já para meu sobrinho, como morava com meu sobrinho, ligou para meu sobrinho. Se eu roubei, porque que eu tava tão apressado em ir para a tropa sem idade. Aí meu sobrinho disse, “não, ele não fez nada aqui, é maluquice dele. Não quer mais ficar em casa”. Aí [eu] fugi. Daí numa outra unidade que não me conhecia e fui mesmo assim, fui para a tropa. Foi assim o processo do meu ingresso para as Fábulas, chamada Fábula.²¹

O depoimento de Fernando sobre o impacto da Guerra Civil no cotidiano escolar é emblemático. Não só no cotidiano escolar, como em toda a sociedade. Inclusive no âmbito familiar. O clima de suspeição: “Todos eram suspeitos, até que se provasse em contrário”. Famílias divididas: uns e outros filiados, por diversos motivos, a forças políticas antagônicas; uns à União Nacional para Libertação Total de Angola (Unita), outros ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), outros à Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA).

Eu vi e ouvi também dizer, porque nós fomos perseguidos. O meu cunhado foi perseguido porque ele... No início dos três movimentos, cada um tinha opção [de] escolher, como por exemplo, o MPLA, a Unita e a FNLA. Meu cunhado era da FNLA. Quando eles se separam, quem era da MPLA, que ficou nas cidades, conhecia quem era da Unita, quem era a família da FNLA. Então era uma perseguição. Nós tivemos que sair do município da Matala, com meu cunhado, para fugir porque ele era da FNLA. Era conhecido como simpatizante da FNLA. Se não tinha que ser morto. Mas como alguém lhe conheceu, olha você tem que fugir, à noite vão vir nos matar, toda a família. Tem que fugir. Então saímos às 6 horas da... não [às] 5 horas da tarde e [às] 6 horas estávamos, 18 horas, nós estávamos nas matas.²²

O ingresso no Exército angolano foi para Wilson uma oportunidade de escolarização, uma vez que, no período colonial, era muito restrito o acesso à educação formal aos denominados indígenas, como ele mesmo narrou, a partir de uma lembrança vinda da infância. O império português foi um dos que menos investiram em educação nas colônias em África. Até porque, para além do discurso de “mística imperial”, de “missão civilizadora”, o objetivo maior da metrópole sempre foi a exploração da colônia. A razão da exploração.

Com esse depoimento sobre a dificuldade de acesso à educação formal, Wilson denuncia também o pouco investimento de Portugal nas suas colônias nessa área tão importante para o

²¹ SABONETE, Fernando Wilson. *Depoimento oral coletado em contexto de entrevista ao autor*. Recife, 2018.

²² SABONETE, Fernando Wilson. *Depoimento oral coletado em contexto de entrevista ao autor*. Recife, 2018.

desenvolvimento humano, configurando-se num grande diferencial nos diferentes processos de colonização no continente africano, como por exemplo, nas colônias francesas. Nesse sentido, Augel afirma: “Portugal demorou até a metade do século XX para seguir o exemplo dos outros países colonizadores. Angola abriu um incipiente ensino universitário somente em 1962; a sua primeira universidade pública foi criada em 1968”²³.

Além da educação, outro destaque da entrevista foi a presença dos cubanos e soviéticos no processo de emancipação e consolidação da Independência, tema indispensável ao entrevistado, que, além de ex-militar do Exército angolano na Guerra Civil, é um filiado ao MPLA e mestre em antropologia.

O objetivo do cubano é defender Angola da mão dos imperialistas norte-americanos. Agora, os cubanos realmente fizeram um papel social, militar e também político. Porque nós não tínhamos professores suficientes. Não tínhamos médicos na área de saúde. Não tínhamos técnicos. Embora que houve problemas na área de saúde, mas pelo menos nós podemos dizer que não. O cubano fez alguma coisa, se bem que poderia fazer melhor, mas fez alguma coisa. Eu mesmo sou fruto, também, dos cubanos. Quando fui para tropa também fui treinado pelos cubanos. Tanto na área militar quanto na área... Eu acho que se não tivéssemos soldados cubanos e Angola, os sul-africanos poderia [sic] dominar os três países, África do Sul, Namíbia e Angola, com o regime do Apartheid. Talvez os cubanos tiveram medo de recuar, porque, depois de 11 de novembro, eles saíram correndo, de onde estavam, das posições de onde que estavam, descendo o sul todo até deixando a fronteira de Angola. Então, a parte militar, eu vejo, nos ajudaram a correr com os sul-africanos. A parte social, eu vejo a participação dele [o cubano] na organização da educação. O modelo do Paulo Freire lá logo no início da independência, que o vice-ministro é Pepetela, o escritor, implementaram o modelo Paulo Freire. Só que a educação cubana para mim parou porque não houve continuidade.²⁴

Assim como houve obstáculo no campo da economia, a Guerra Civil também obstruiu o desenvolvimento do setor educacional, sobretudo, segundo o entrevistado, onde predominava a Unita. Ao que nos parece, apesar do discurso de libertação total de Angola, os interesses de Savimbi e seus seguidores não eram o de “descolonizar as mentes”, como sugeria Amílcar Cabral e todas as lideranças anti-imperialistas e anticolonialistas das décadas pós-Segunda Guerra Mundial:

²³ AUGEL, Moema Parente. Desafios de Ensino Superior na África e no Brasil: a situação do ensino universitário na Guiné-Bissau e a construção da guineidade. *Estudos de Sociologia*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE. v. 15. n. 2, p. 137-159, 2009.

²⁴ SABONETE, Fernando Wilson. *Depoimento oral coletado em contexto de entrevista ao autor*. Recife, 2018.

Os angolanos que tinha o sexto ano terminavam o ensino médio e é enviado para o interior ensinar os outros. Alfabetizar. Deram seu contributo na área de educação. Só que esse processo, infelizmente, não continuou, porque tinha que se fazer mais. Tinha que continuar o processo e não continuou. O passo que se deu na educação depois da independência, se esse passo continuasse, teríamos Angola hoje toda alfabetizada. Mas infelizmente parou.

A Guerra Civil prejudicou, porque o interior que estou falando, que estava ocupado pela Unita, não tinha esse processo. Então ficou sem... E isso prejudicou também, porque o governo não conseguiu fazer projetos educacionais que beneficiasse esse técnico médio que vai para o interior acompanhando. Poderia, talvez, organizar de uma forma assim, revezamento. Terminou o ensino médio, vai para o interior [e] durante um período ele volta para fazer... os que saíram agora do ensino médio indo para lá. Talvez até continuou, mas não acompanha, não sustentam. Se você não me sustenta lá no campo, como é que eu vou lá? Esse é o problema.²⁵

O tempo de permanência de Fernando no Exército angolano foi de três anos, mas, segundo ele, o primeiro ano foi o que mais marcou sua vida. Ele nos contou um pouco de sua experiência, dos ensinamentos dos instrutores cubanos, da presença feminina na Guerra Civil, sobretudo de uma oficial da família Major. Foi o momento em que recordou das narrativas acerca do batalhão das mulheres na Guerra de Independência e de personagens como Deolinda Rodrigues²⁶.

[...] A minha especialidade é luta contra bandido, ou seja, é uma categoria de tropa de elite, de tropas especiais para combate ao terrorismo, ou seja, luta contra bandido. A nossa especialidade, não conheci nenhuma mulher na minha especialidade. Nós éramos de uma brigada e uma reserva que tinha mais ou menos 1500 pessoas. Não treinei com nenhuma mulher. Cruzei com muitas, mas nunca tivemos mulher na nossa região de Malanje. Eu estou falando das regiões. Na região de Malanje, não conheci nenhuma mulher militar. Agora em outras regiões chamadas da 1ª e 5ª região haviam [sic] mulheres sim, mas não é o caso da nossa. O meu dia a dia era um pouco mais especial. Saía de manhã e voltava... Segunda-feira a gente só voltava sexta-feira na unidade. É só andar. Nós tínhamos operações dias após dias. Por isso que chama luta contra bandido. Era ir caçar, buscar onde o bandido está. E o bandido não estava na cidade. Era no mato, no interior, lá na selva mesmo. Então nós éramos caçadores dos guerrilheiros. Um guerrilheiro não anda nas cidades. É uma estratégia que os comandantes implementaram, se a guerrilha sobrevive no mato, então temos que criar uma tropa que sobrevive na selva, então foi a minha especialidade [...] Confronto, qualquer tipo de confronto sempre marca a gente. Qualquer tipo de confronto sempre marca qualquer militar. Porque você

²⁵ *Ibidem*.

²⁶ Sobre Deolinda Rodrigues, ver: RODRIGUES, D. *Diário de um exílio sem regresso*. Luanda: Nzila, 2003.; RODRIGUES, D. *Cartas da Langidila e outros documentos*. Luanda: Nzila, 2004.

não pode fazer esse tipo de avaliação que um confronto valeu pouco ou um confronto valeu menos. Se morre gente, qual é a diferença? Só porque aqui morreu muita gente, morreu vinte, morreu trinta, aqui morreu uma pessoa. Não é confronto? É confronto. Qualquer confronto era considerado perigoso. Nós aprendemos, o nosso treinador, instrutor cubano, ele diz que “nunca se deve desprezar o seu inimigo”, não interessa como ele virá, como ele está preparado, você sempre tem que considerar ele superior [do] que a sua preparação para você ter sempre êxito. Nunca você deve rebaixar o teu inimigo. O teu inimigo é sempre teu superior para você ter êxito.²⁷

Perguntado sobre a participação da etnia Hhaneka-humbi, na luta de independência e na Guerra Civil, ele destacou a disciplina e a fidelidade como características. Aliás, contou-nos a história de seu avô, que, durante o período colonial, recusou-se a ser nomeado Soba (chefe local) pelos portugueses para não trair o seu grupo. Segundo ele, os portugueses procuravam neutralizar o poder do Soba local, indicando um de confiança deles; portanto uma estratégia do colonizador luso. O colonizador oferecia algumas regalias aos que aceitavam serem Sobas indicados por eles: “Em troca, você recebe algumas migalhas, roupas, de favores, chapéu, botas, proteção. Você não paga imposto”²⁸. No caso do avô de Fernando, ao ser indicado pela administração para ocupar o Sobado, ele combinou com os amigos para confirmarem que ele não era uma boa pessoa, não tinha os atributos para o cargo:

[...] Ele vendeu o direito de ser Soba, porque ele não queria ser funcionário da administração colonial para cobrar os seus companheiros. Ele disse “não, esse trabalho não é meu. Castigar o meu vizinho, castigar minha comunidade por causa da vossa administração. O dinheiro é vosso e em troca eu recebo migalhas? Não, quero não”. Ele vendeu. O processo é muito engraçado quando eles contam agora. Ele me contou antes de morrer. Eu também não sabia disso [...] Como que era e como é que se vendeu? [...] Então o que foi que ele fez, ele organiza um grupo, três como testemunha, que ele vai dizer que eu sou maconheiro, maluco. Então não posso ficar na frente da população, porque o maconheiro pode ter juízo agora, não ter juízo depois. “E vocês vão testemunhar que ele anda doente também [...] Mas vão ter que falar assim porque eu vou pagar [vocês]”. Ele pagou essas pessoas e foram na administração do branco e chegou lá. Você o chefe, chama Gula? Vamos. Aí ele disse não. Eu sou maluco. Aí já começou mesmo o comportamento. Os outros disseram que é verdade. Ele fuma maconha, não trata bem da família. Aí lhe deram já um castigo de capa e tudo, mas lá gostaram. Receberam os bois antes e falaram. Testemunho falso.²⁹

²⁷ SABONETE, Fernando Wilson. *Depoimento oral coletado em contexto de entrevista ao autor*. Recife, 2018.

²⁸ *Ibidem*.

²⁹ SABONETE, Fernando Wilson. *Depoimento oral coletado em contexto de entrevista ao autor*. Recife, 2018.

Diante da tenacidade dos Nhaneka-humbi, conforme a narrativa de um dos seus membros, a partir da tradição oral, perguntamos como foi a reação diante da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (Pide) no caso do colonialismo tardio português em Angola. Ele nos respondeu, a partir das suas leituras, mas também do que testemunhou quando criança, no apagar das luzes da presença do colonizador luso:

Não tenho muito conhecimento sobre a Pide, a não ser por leituras. Era muito mais as ações nos mais velhos porque eu era criança. Era muito mais nos mais velhos. O que eu vi, por exemplo, no meu cunhado, ele tinha só quarto ano, não podia falar português, não podia escrever porque era chamado de terrorista. Terrorista é todo negro que sabia falar português e escrever. E o meu cunhado sabia. Era controlado. Então ele jamais se apresentou como pessoa [revolucionária]. Ele só veio se apresentar depois dos movimentos. Antes ele escutava no escuro, escutava rádio também. Eu via ele a escutar, não sabia o que é. Ele só veio revelar também depois que eu percebi que era os combatentes [e] que ele tinha contacto com os combatentes depois dos três movimentos aparecer.³⁰

Após apontar a fidelidade do seu avô Gula e de outras pessoas como uma característica da sua etnia, disse-nos que no Exército angolano (MPLA) essa característica era muito valorizada. As instâncias de poder que exigiam mais fidelidade e confiança eram destinadas aos Nhaneka-humbi: “Nhaneka-humbi já era chamado de kwanhama, porque do sul tudo era Kwanhama. Todos os seguranças dos ministros, dos comissários provinciais, ou chamados governadores, até o ano 2000 foram todos Nhaneka-Humbi/kwanhama”³¹.

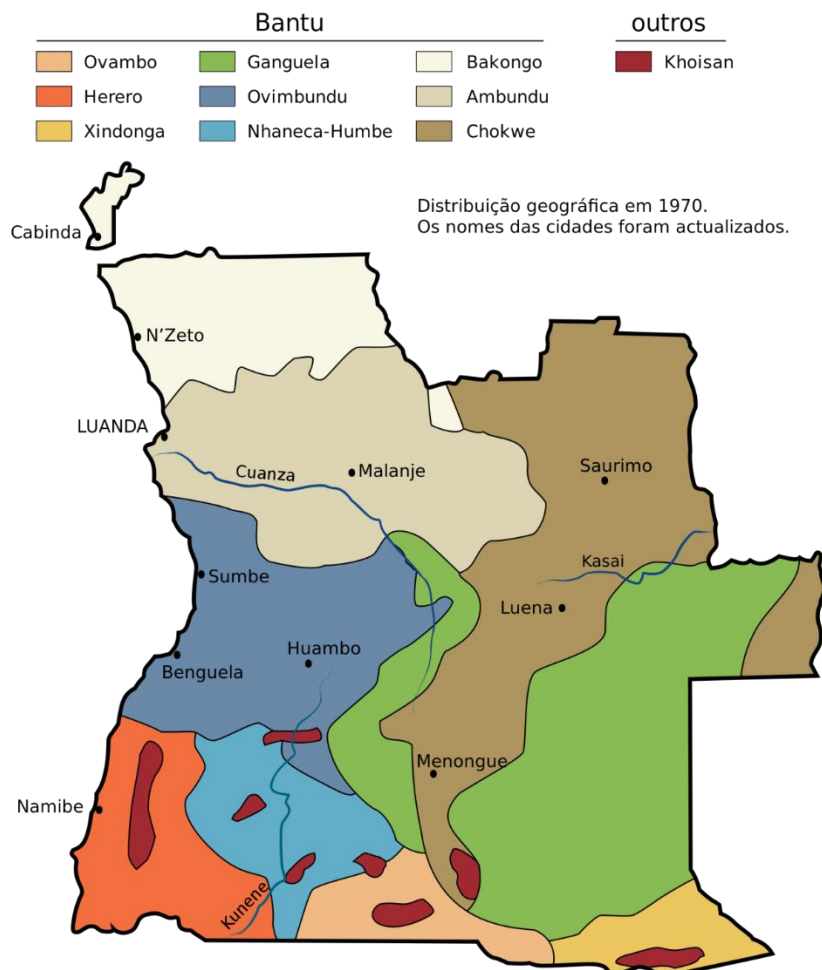
No período da Guerra Civil, a etnia teve uma grande participação na luta armada, até os dias atuais, segundo o entrevistado. O MPLA tem uma boa votação entre os Nhaneka-humbi, motivo pelo qual são chamados pelos demais de “fanáticos” pelo MPLA. O oponente Savimbi, da Unita, denominou os Nhaneka-humbi como “cão de caça do MPLA”, conforme o depoimento de Sabonete.

Figura 2

³⁰ *Ibidem.*

³¹ *Ibidem.*

Grupos étnicos de Angola



Fonte: Arte, Cultura e Religiosidade Bantu.³²

“Eu ouvi dizer. Também vi. Eu estive lá! – À guisa de conclusão

Embora a entrevista tivesse como primeiro objetivo as experiências do depoente em contexto de Guerra de Independência e Guerra Civil em Angola, “nas paredes de suas memórias” ficou muito mais. Coisas que marcaram, a partir da infância, na adolescência e na juventude. As coisas que tiveram significados, como nos adverte Ecléa Bosi, no capítulo primeiro do seu livro

³² ARTE, CULTURA E RELIGIOSIDADE BANTU. Disponível em: <http://povosbantu.tumblr.com/post/130283331978/grupos-%C3%A9tnicos-de-angola-o-que-entendemos-hoje>. Acesso em: 16 jul. 2018.

clássico³³, indispensável no campo dos que trabalham com História oral e memória. Ela dialoga com teóricos que destacaram “os trabalhos da memória”, o processo de memorialização e seus desdobramentos – autores como Henri Bergson, Maurice Halbwachs, William Stern e Frederic Bartlett, entre outros.

Ao final da entrevista, surgiu um tema que já havia sido “enunciado” no início, quando ele falou da presença dos cubanos na educação, do método Paulo Freire, da sua alfabetização tardia por causa do regime de discriminação instituído pela metrópole portuguesa através do Estatuto do Indigenato³⁴. Foi nesse momento da entrevista que se lembrou de forma ressentida, como não poderia deixar de ser, do que testemunhara acerca da educação no tempo colonial³⁵:

Vestir bem! Só o vestir bem, vestir sapato! Não podia. No meu município não podia vestir sapato, calça e falar português. Não. Nas lojas da periferia não podia. Lembrou-me uma vez, um rapaz disse que foi lá com um cordão de ouro, eu não sei onde ele tinha conseguido, se foi na África do Sul ou na Namíbia talvez, onde é que ele tinha comprado. O branco chegou, pegou assim o cordão de ouro, puxou, arrebitou, lhe chamou de bandido e disse como é que um negro pode pôr ouro no pescoço? Só pode ser aqueles que estão a atacar no norte. O grupo de bandidos já está chegando aqui. Quase ele denunciou e o rapaz teve que fugir. Não teve escola, na minha região, até 1975 não houve escola para as crianças, porque a escola é dos bandidos. A escola é para ensinar as pessoas a serem bandido. A Pide instruía os comerciantes. Os maiores colaboradores eram os comerciantes. Os pastores também. Pastor mesmo, pastor também. Não é preciso abrir o olho para dizer, pastores brancos eram da Pide. Padres também eram da Pide. Você confessa um crime, para igreja é considerado pecado. Quando você sair da sacristia, o carro da Pide já estava aqui esperando por você. O padre tinha uma ligação com a Pide. Na hora dele [inaudível], ele já está mexe[ndo] nas ligações para transmitir a mensagem.³⁶

³³ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz; Edusp, 1987.

³⁴ Sobre a discriminação a partir do Estatuto do Indigenato em Angola, ver: NETO, Maria da Conceição. Race in the Law and in Everyday Life: Living under the “Native Statute” (Estatuto dos Indígenas) in Central Angola, 1926-1961. In: SIMPÓSIO “RACE RELATIONS: The Portuguese-speaking Countries in Comparative Perspective”. Londres, King’s College, 10 a 11 de dezembro de 2009.

³⁵ Captamos o ressentimento a partir da fisionomia, da modulação da voz, dos gestos... enfim, estivemos atentos para as “outras falas”; aquelas que não são expressas pela fala, mas por outros órgãos do corpo (sobre essa questão, ver o capítulo *A Entrevista* em: THOMPSON, Paul. *A Voz Do Passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002).

³⁶ SABONETE, Fernando Wilson. *Depoimento oral coletado em contexto de entrevista ao autor*. Recife, 2018.

Fernando Wilson diz ter ouvido relatos acerca da perseguição aos estudantes pela Pide na década de 60. Parentes dele vivenciaram esses acontecimentos. Ele tinha poucos anos de vida, pois nascera em 1961, embora tenha sido registrado no ano de 1965, como já dissemos anteriormente.

Para um segmento de estudantes angolanos, a Guerra de Independência já estava dada no alvorecer dos anos 60. Os que não morreram tiveram que fugir, alguns deles possivelmente foram membros da Casa dos Estudantes do Império, localizada no “coração do Império” e que foi um dos germes do processo de libertação de Angola e outros países africanos³⁷. A análise é do nosso entrevistado, ex-militar do Movimento Popular de Libertação de Angola, licenciado em literatura, teólogo e mestre em antropologia, Fernando Wilson Sabonete:

O objetivo da Casa dos Estudantes do Império era recolher, ou seja, era receber todos os estudantes que viessem dos países, do império colonial, do império português. Esse era o objetivo mais ou menos revolucionário e para integralizar as nações. Era mais ou menos isso. Só que é nessa casa mesma, também, que cresceu [sic] as ideias revolucionárias, porque até então não tinha a ideia de combater junto. Tinha a ideia sua. Ideias singulares. Não tinha uma coisa unida. Então quando se encontra na casa dos estudantes: o do sul estava na casa dos estudantes, o do norte estava na casa dos estudantes, o do centro estava na casa dos estudantes, o de Moçambique estava na casa dos estudantes, o de Moçambique do Sul estava na casa dos estudantes, o de Moçambique do centro... Quer dizer além da união das nações, a ideia dos estudantes das nações, a ideia também dos grupos étnicos que nunca tinham oportunidade de se encontrar localmente em Angola, por exemplo, nunca tiveram oportunidade de se encontrar, mas aí se encontraram. Aí reforçou a ideia da revolução. Eu acho. Eu analiso assim.³⁸

³⁷ Sobre a Casa dos Estudantes do Império, ver: CASTELO, Cláudia. *A Casa dos Estudantes do Império: lugar de memória anticolonial*. Repositório do ISCTE-IUL. Escola de Sociologia e Políticas Públicas, CEI-IUL - Centro de Estudos Internacionais, CEI-CRN - Comunicações a conferências nacionais, Instituto Universitário de Lisboa. CIEA7 #6: (Counter-)Memories of colonialism: remembrance, resistance and transference in anti-colonial african narratives. Publicado em: 13 fev. 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/2244>. Acesso em: 16 jul. 2018.; FARIA, António. *A Casa dos Estudantes do Império: itinerário histórico*. Lisboa: Biblioteca Museu República e Resistência, 1995.

³⁸ SABONETE, Fernando Wilson. *Depoimento oral coletado em contexto de entrevista ao autor*. Recife, 2018.

Referência Bibliográfica

AUGEL, Moema Parente. Desafios de Ensino Superior na África e no Brasil: a situação do ensino universitário na Guiné-Bissau e a construção da guineidade. *Estudos de Sociologia*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE. v. 15. n. 2, 2009.

CASTELO, Cláudia. *A Casa dos Estudantes do Império*: lugar de memória anticolonial. Repositório do ISCTE-IUL. Escola de Sociologia e Políticas Públicas, CEI-IUL - Centro de Estudos Internacionais, CEI-CRN - Comunicações a conferências nacionais, Instituto Universitário de Lisboa. CIEA7 #6: (Counter-)Memories of colonialism: remembrance, resistance and transference in anti-colonial african narratives. Publicado em: 13 fev. 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/2244>. Acesso em: 16 jul. 2018.

CHANSON, Philippe. *La blessure du nom*. Une anthropologie d'une séquelle de l'esclavage aux Antilles – Guyane. Louvaine: Bruylant-Cadenua, 2008.

FARIA, António. *A Casa dos Estudantes do Império*: itinerário histórico. Lisboa: Biblioteca Museu República e Resistência, 1995.

FIRST, Ruth (Org.). *O Mineiro Moçambicano*: um estudo sobre a exportação de mão de obra em Inhambane. Recife: Ed. UFPE, 2015. (Série Brasil & África; Coleção Clássicos, n. 2)..

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

NETO, Maria da Conceição. Race in the Law and in Everyday Life: Living under the "Native Statute" (Estatuto dos Indígenas) in Central Angola, 1926-1961. In: SIMPÓSIO "RACE RELATIONS: The Portuguese-speaking Countries in Comparative Perspective". Londres, King's College, 10 a 11 de dezembro de 2009.

RODRIGUES, D. *Diário de um exílio sem regresso*. Luanda: Nzila, 2003.; RODRIGUES, D. *Cartas da Langidila e outros documentos*. Luanda: Nzila, 2004.

SABONETE, Fernando Wilson. *Depoimento oral coletado em contexto de entrevista ao autor*. Recife, 2018.

THOMPSON, Paul. *A Voz Do Passado*: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

Artigo recebido para publicação em: agosto de 2019.

Aprovado para publicação em: outubro de 2019.